

## Capítulo 1

### A ILHA

A Mónica olhou para o relógio, sentindo-se um pouco inquieta. Na enorme sala do aeroporto só estavam ela e dois funcionários da TAP. O avião chegara há vinte e cinco minutos e os outros passageiros já tinham ido embora.

Sentia-se cansada e com sono. Apetecia-lhe estar em casa, na sua cama, e não num aeroporto qualquer, numa ilha desconhecida. Os aeroportos são lugares muito solitários, pensou. Especialmente quando não está ninguém à nossa espera.

Os pais da Mónica, dois jornalistas conhecidos, estavam a fazer uma reportagem algures na América do Sul, e ela vira-se forçada a passar as férias com uma tia e uns primos que viviam no Funchal.

Naquele momento, uma senhora alta com uma gabardina azul entrou apressadamente na sala e dirigiu-se a ela. Tinha o cabelo castanho-escuro um pouco despenteado e os olhos verdes cheios de apreensão.

— Tu deves ser a Mónica. Desculpa, passei a tarde a escrever e não reparei nas horas. Se não fosse a Rita...

A Mónica sorriu, mais tranquila.

— A senhora é a tia Carla?

— Sim, sou a irmã da tua mãe. Mas não somos nada parecidas...

Era verdade. A mãe da Mónica era quase louca e de olhos castanhos. A Mónica parecia-se com ela.

Daí a alguns minutos estavam no parque de estacionamento e entravam no velho automóvel da tia Carla. Caía uma chuva miudinha.

— Gostaste da viagem?

— Gostei. Já viajei muito de avião com os meus pais.

A tia riu.

— Sim, eles nunca estão muito tempo no mesmo sítio. Que idade tens?

— Onze.

— Tens a idade da Rita. O David tem mais um ano. É estranho que nunca se tenham encontrado. Mas vais gostar deles.

A Mónica não estava certa disso. A tia era simpática, mas não sabia nada dos primos. E tinha de passar quase três semanas com eles... Desejou novamente estar na sua casa, ou então ter ido com os pais.

Começou a ver luzinhas ao longe. Depois, um belo anfiteatro junto ao mar.

— É o Funchal — disse a tia.

— Não pensei que fosse tão grande.

— A ilha não é tão pequena como pensas. E vais ter a oportunidade de conhecer o campo. Amanhã vamos para o Porto Moniz.

— Fica muito longe?

— Na costa norte. Tenho lá uma casa. É um bom lugar para escrever.

A Mónica sabia que ela era escritora. Escrevia romances policiais. A mãe tinha alguns em casa.

— Vamos ficar lá umas duas semanas — continuou a tia Carla. — Estou a escrever a última versão de um livro. E tenho de terminá-lo o mais depressa possível.

— O David e a Rita também vão?

— Claro que sim. Vocês podem nadar, passear a pé, explorar as grutas...

— Nadar no mês de abril?

— Se a água não estiver muito fria.

Continuava a chover quando o automóvel parou em frente de uma pequena vivenda rodeada por um jardim. Uma menina morena de rabo-de-cavalo veio abrir a porta. Tinha um sorriso simpático.

— Olá. Eu sou a Rita.

— Leva a Mónica para o quarto — disse a tia, tirando a gabardina. — Vou preparar qualquer coisa para ela comer.

Nesse momento um *spaniel* castanho surgiu a correr. Imobilizou-se em frente da Mónica e rosnou. Ela deu um passo para trás.

— Não tenhas medo — disse uma voz calma. — O Indy não te faz mal.

A voz pertencia a um rapaz alto, de cabelos castanho-escuros e olhos verdes. Tinha na mão um velho livro de capa castanha.

— Sou o David — disse com um sorriso. — Espero que gostes de cá estar.

E voltou a desaparecer por uma porta no fundo do corredor.

— É o intelectual da família — disse a tia Carla. — E a Rita é a desportista. São muito diferentes um do outro, os meus filhos.

A Rita pegou na mala da Mónica e precedeu-a pelas escadas acima. O quarto de hóspedes era pequeno mas acolhedor. As cortinas e a colcha da cama tinham o mesmo tom de azul. O Indy seguira-as e deitou-se no tapete a observá-las.

— Não vale a pena desfazeres a mala — disse a Rita. — É só por uma noite. Amanhã vamos...

— Sim, a tua mãe disse-me.

A Mónica abriu a mala e procurou uma camisa de dormir e a escova de dentes. Estava quase a dormir em pé. A Rita apercebeu-se disso.

— Se quiseres podes deitar-te e eu trago um prato de sopa e fruta.

— Está bem.

— Vamos, Indy.

Pouco depois a Mónica estava deitada na cama e a prima apareceu com um tabuleiro. Um prato de sopa de tomate, fumegante, e uma taça de morangos. A Mónica comeu com apetite.

— A que horas partimos amanhã? — perguntou.

— Por volta das nove e meia. Não te preocupes, eu acordo-te um pouco antes.

— Como é o Porto Moniz?

— É muito bonito. Há rochas vulcânicas e piscinas naturais. Trouxeste o fato de banho?

— Não. Pensei que era muito cedo para ir à praia.

— Empresto-te um. A água deve estar boa.

— Espero que sim — disse a Mónica em tom de dúvida.

Tinha um ar muito desanimado. A prima ficou indecisa por instantes e depois disse:

— És capaz de guardar um segredo?

— Claro que sim.

— Nós temos uma praia só nossa.

— O quê?

— O David e eu resolvemos dizer-te, mas só se simpatizássemos contigo.

A Mónica sorriu mas não disse nada. A prima continuou:

— Uma enseada pequenina, entre as rochas, à qual só se pode ir de barco ou então por uma passagem secreta.

— Uma passagem secreta... como nos livros?

— Sim. Foi o João que a descobriu há alguns anos. O João é um amigo nosso que vive no Porto Moniz. É o melhor nadador que conheço.

A Mónica comeu o último morango e pousou o tabuleiro na mesa de cabeceira. Sentiu os olhos a fecharem-se.

A Rita foi buscar o tabuleiro.

— Estás mesmo a cair de sono. Amanhã falamos.

Quando ficou sozinha, a Mónica apagou a luz e puxou a roupa da cama até ao queixo. As férias prometiam ser emocionantes, afinal. Piscinas naturais, uma praia escondida, uma passagem secreta.

Era como se estivesse dentro de um livro de aventuras.

## Capítulo 2

### NO INTERIOR DA ILHA

Na manhã seguinte o céu estava muito azul e não havia quaisquer vestígios da chuva da noite anterior. Uma manhã de abril, tépida e com cheiro a flores.

A casa da tia Carla ficava numa ruazinha transversal, onde quase não passavam automóveis. O alpendre estava coberto de lilases. Nos canteiros despontavam as flores frágeis da primavera; as roseiras só deveriam florir mais tarde, no princípio do verão.

A Mónica acordou com o Indy a lamber-lhe a mão. Sentou-se na cama, assustada, mas depois começou a rir. Afagou as orelhas do cachorro.

— Olá, Indy. Fico contente por já sermos amigos.

Levantou-se e foi à janela.

— Vê, está um lindo dia. Mas que bom!

O cachorro lambeu-lhe o calcanhar. A Mónica inclinou-se na janela e disse baixinho:

— É tão bonito, Indy. Ontem à noite estava triste e cansada, e aborrecida com a chuva. Mas agora estou contente por ter vindo.

Alguém bateu à porta que ficara entreaberta.